

Espírito

Infantil

MAURO MOTA

A bola destacou-se dos outros brinquedos de natal e ficou indecisa no meio do quarto, entre as duas camas. As crianças acordam brigando:

— E' minha!

— Não é, não, é minha.

O pai intervém, mas Luciana (quatro anos) explica-lhe o direito de posse:

— E' minha. Eu não tinha ainda dormido quando ouvi Papai Noel dizer direitinho:

— A bola é de Luciana.

* * *

Sofia (seis anos) diante da mãe cerimoniosa:

— Dr. Hélio, por que o senhor não vem jantar aqui todo dia? Quando o senhor vem, a comida aumenta e melhora tanto...

* * *

Eduardo (seis anos) na sala cheia de visitas, pergunta ao magistrado ilustre, mas com um terrível complexo de côr:

— Você é negro, não é?

* * *

Maurício, de sete, para a senhora respeitável, com o decote deixando ver a linha de separação no imenso busto:

— Tua bunda é aí, é?

* * *

Serginho, dirigindo-se ao conspícuo Dr. Gonçalves que chegara à mesa depois dos outros convidados:

— O senhor demorou tanto. Foi lavar as mãos ou fazer xixi?

O ASPECTO TÉCNICO

Mas êste é apenas, Excelência, o aspecto cultural: o do serviço ao público, por si só, grandemente prejudicado. Mas há outro porém a assinalar: o aspecto técnico e artístico pròpriamente dito: e que é o grande e maior prejudicado. Pois, no movimentar-se os quadros de uma sala para outra, em andares diferentes, embora no mesmo prédio, por salas, corredores e subindo e descendo elevadores antigos, estragam-se os quadros, quer no transporte, aos encontrões, quedas, arranhões graves, quer por simplesmente expostos à poeira e não raro a intempéries.

Perde-se dêsse modo, Sr. Presidente, coleções de artistas mortos e que jamais poderão ser de todo e perfeitamente refeitas, para se atender aos vivos, que bem poderiam expor seus quadros em outros locais.

ATENDER AOS VIVOS E AOS MORTOS

Excelência:

Vivos e mortos bem poderiam, no entanto, ser equitativamente atendidos, por uma simples penada de V. Exa.,

— A senhora aqui outra vez. Nem se importa, ein?

— Com que, Evaldinha?

— Mamãe acha a senhora muito feia e cacete.

* * *

Lucinha chega ao terraço cheio de gente, chorando e apertando os dentes de leite:

— Que é que você tem, menina?

Aponta para tia e explica:

— O dela tira a bota, o meu não sai.

* * *

A mesma (educadíssima) oferece os bombons de chocolate a tôdas as visitas, e exclue o irmão.

— Que é isso, minha filha? Ofereça também a Roberto.

— Eu, não. Ele come.

* * *

A jovem e distinta senhora convoca o amigo do marido. Quer cumprir a promessa de oferecer o filhote de pequenez.

— Escolha entre os dois, Doutor. A cadela dessa vez rendeu pouco.

Intervem o garoto, apontando os cachorrinhos:

— Êste está doente e êste com a perna quebrada. Os três bonitos mamãe trancou no banheiro.

* * *

E esta de Jorge (seis anos), que ia acabando em tiro:

— Doutor, cadê seus chifres? Papai disse que você tem.

* * *

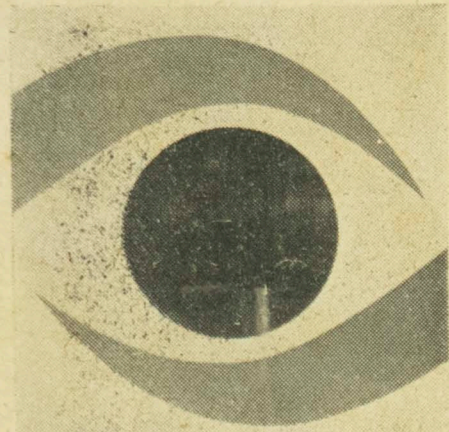
num de seus pequeninos, mas administrativamente quase sempre tão eficazes bilhetinhos ou memorandos a ministros e outros auxiliares do governo de V. Exa. Bastaria um bilhetinho recomendando que se dê mais espaço ao MNBA, o que se conseguiria facilmente, apenas com se incluir a Escola Nacional de Belas Artes, que atualmente ocupa tantas e imprescindíveis dependências do MNBA, no plano de construção da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão.

Excelência, tal providência viria, de uma só machadada, cortar dois grandes galhos administrativos da República com referência às coisas da arte: atenderia ao MNBA e à Escola de Belas Artes. Êste é, saiba V. Exa., o grande desejo de sua atual direção e de seus alunos, pois, além de poder contar na Ilha do Fundão com instalações adequadas, a ENBA ficaria ao lado da Escola de Arquitetura e contaria com tôdas as demais vantagens da Cidade Universitária.

O Museu Nacional de Belas Artes, por sua vez, contaria com o espaço suficiente para nêle funcionarem os seus diferentes serviços auxiliares, a contento e sob as condições indispensáveis, "dinâmica e atualizadamente", como é do desejo, — e tão bem recomendado, — de V. Exa.

Mais Espaço para o Museu

Reportagem de LUIZ SANTOS CRUZ



Visite
o Museu
Nacional
de
Belas Artes

Av. Rio Branco nº 199, Rio de Janeiro

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE NA DIREÇÃO DO MNBA — COMO, PORÉM, “DINAMIZAR E ATUALIZAR” O MUSEU, A CONTENTO, COMO QUER O PRESIDENTE, SEM ESPAÇO PARA OS SEUS SERVIÇOS AUXILIARES? — O PATRIMÔNIO ARTÍSTICO ESQUECIDO NOS PORÕES — O “CASO” COMPLICADO DOS 2 SALÕES DE ARTE: O DE ARTE MODERNA E O GERAL E OS PREJUÍZOS ARTÍSTICOS E TÉCNICOS AO ACÉRVO CULTURAL — SUGESTÃO AO PRESIDENTE: INSTALAÇÃO NA ILHA DO FUNDÃO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES. DESEJO DA DIREÇÃO E DOS ALUNOS, — A SOLUÇÃO PARA O MNBA.

Excelência:

Se não me falha a memória, foi em maio deste ano, em bilhete ou memorando, dirigido ao ilustre Ministro da Educação e Cultura, Prof. Brígido Tinoco, que V. Exa., após ter conhecimento da lista triplíce de candidatos que tinha em mãos, enviada por associações de artistas e críticos de arte, recomendava ao titular daquela Pasta, a designação do jovem historiador da pintura e crítico de arte José Roberto Teixeira Leite, para, em substituição ao pintor Oswaldo Teixeira, dirigir o Museu Nacional de Belas Artes. Tão certo parecia, Excelência, de quanto devia andar empoeirada aquela magna instituição guardiã por excelência do melhor acervo artístico existente no país, que recomendava V. Exa., com o tão excelente oitavo sentido administrativo que Deus lhe deu, como o Gari n.º 1 desta República, que se fizesse a aludida nomeação “a fim de dinamizar e atualizar” o jovem diretor o MNBA.

Que o desejo de V. Exa., foi até agora em tudo atendido, bastaria para verificá-lo que o ilustre Supremo Magistrado da Nação se desse ao trabalho de, numa de suas vindas à velha capital federal, ir constatar *in loco* a eficácia dessa providência e o acerto da escolha de V. Exa.

O VELHO E O NOVO MUSEU

Quem conheceu, como este missivista, como freqüentador antigo de suas salas e corredores e como pesquisador de nosso passado cultural e artístico, o velho MNBA e ultimamente tem acompanhado, mais de perto ainda, a verdadeira obra de renovação que ali se procede, ante os nossos olhos, há de desejar que V. Exa. mesmo venha ao Rio fazer-lhe uma visita, por muito rápida que seja, a fim de ter melhor conhecimento, não apenas do que por lá se faz, mas das reais necessidades dessa instituição magna do patrimônio artístico nacional. Algumas fotografias, reproduzidas nestas páginas, dão a V. Exa., Sr. Presidente, uma idéia, por pálida que seja, do tesouro escondido que por ali andava, senão de todo esquecido, no entanto, oculto ao conhecimento do público admirador das belas artes e de suas riquezas em todos os tempos.

O ACÉRVO RECUPERADO

Deixo, porém, de levantar aqui um rol dos objetos de valor artístico encontrados nos empoeirados e sujos porões do MNBA e que agora vão ser objeto de restauração e mostra pública, a fim de não tomar o precioso tempo de V. Exa. com a exposição de males em vez de revelar de preferência as causas. Basta dizer apenas que são quadros de pintores de renome internacional, são esculturas de primeiríssima qualidade, são objetos

artísticos diversos, santuários antigos, velhos relógios (inclusive um famoso Boulle, medalhões imperiais, santuários orientais e coloniais brasileiros, enfim, Excelência, toda uma lista, dia a dia acrescida, de obras de arte de grande valor e que o tempo, a permanecerem onde foram encontradas, iria terminar por torná-las para todo e sempre esquecidas, senão de todo inúteis para mostras públicas.

MAIS ESPAÇO PARA O MNBA

Como seria possível, porém, Excelência, “dinamizar e atualizar” um Museu Nacional de Belas Artes, com a importância e o riquíssimo acervo artístico do MNBA, sem espaço sequer para melhor ser varrida e espanada a casa sem maiores danos, é óbvio, para o seu patrimônio cultural?

Ora, Excelência, a boa varredura faz quem a sua casa nunca imagina limpe de mais. Assim sendo, como sincero e antigo colaborador do governo de V. Exa., desde a sucursal da Agência Nacional de São Paulo, tomo a liberdade de dirigir-me ao ilustre Presidente da República, utilizando essas páginas da revista LEITURA — “a revista dos melhores escritores” de nosso país e das lutas pelas mais justas reivindicações literárias e culturais, — a fim de sugerir à atenção do Primeiro Magistrado da República o seguinte:

1) — Que V. Exa. andou muito bem e demonstrou perfeito senso de discriminação do homem exato para o lugar certo, no caso da direção do MNBA, a prova aí está: mesmo aqueles que temiam a juventude do novo diretor, ou talvez a sua falta de experiência, por não lhe conhecer a capacidade empreendedora e nem os seus conhecimentos sempre atualizados, como também posso testemunhar, de museologia, — mesmo tão pessimistas contraditores do acertado ato de V. Exa., hoje aí estão, Sr. Presidente, na primeira fila entre os que vivem a louvar as primeiras e sempre tão felizes e decisivas iniciativas do jovem diretor, de fato, e como tanto insistiu V. Exa., “dinamizando” e “atualizando” o Museu de Belas Artes. Aí estão, Excelência, os recortes de jornais de todos os pontos do país, onde artistas de renome nacional e internacional e críticos e colonistas de arte da maior projeção, melhor do que este vosso modesto missivista, depõem com o peso de suas respectivas autoridades, elogiando cada uma das novas e sucessivas iniciativas do diretor do MNBA.

a) — Que V. Exa. não deve porém se contentar apenas em pôr a vassoura nas mãos do gari, mas deve lhe propiciar também os meios de melhor trazer bem limpa e espanada a casa, segue-se, é claro, do próprio interesse demonstrado por V. Exa. pelo acervo artístico nacional, quando encareceu a aqui comentada nomeação. Para que porém se cumpra em tudo o desejo de V. Exa., levo ao conhecimento do ilustre governante o que se segue:

Excelência:

I) — Havia nos velhos porões do MNBA, como já se disse acima, todo um riquíssimo e esquecido patrimônio artístico, praticamente no abandono, por motivos no entanto, como pude verificar, nem sempre devidos ao desleixo e à indiferença das administrações anteriores, na verdade, sem os meios necessários para recuperá-lo e manter devidamente apto para as mostras públicas.

II) — A atual administração do jovem diretor José Roberto Teixeira Leite terá apenas posto o dedo na ferida e feito sangrar a olhos vistos tais chagas, se não forem tomadas providências imediatas pelo governo de V. Exa., indo ao encontro do esforço e da boa vontade empreendedora de um de seus mais capazes auxiliares.

O “CASO” DOS SALÕES

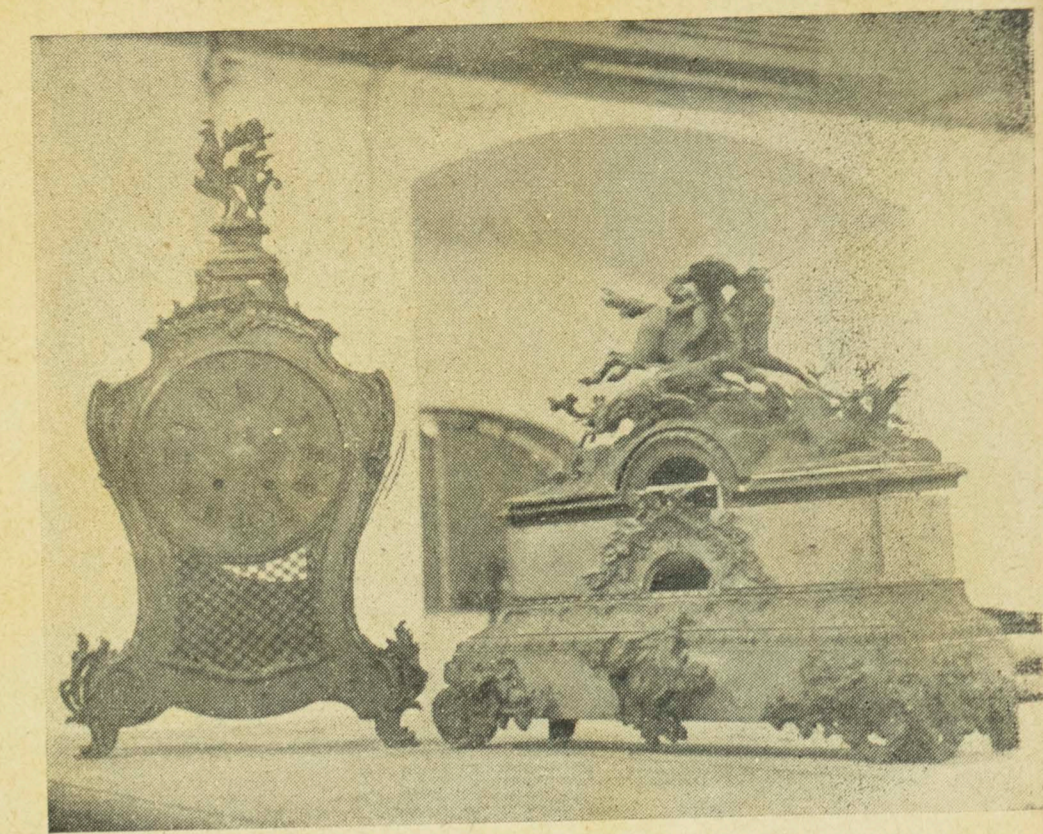
Basta dizer, Sr. Presidente, para o melhor conhecimento do seu governo sobre quantas anda em matéria de precariedade de instalações o atual MNBA, que o exemplo dos dois Salões ali realizados anualmente é típico da falta de recursos adequados da instituição.

Como se deve ser, sem dúvida, do conhecimento de V. Exa., são realizados, todos os anos, dois grandes Salões Nacionais no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro: o de Arte Moderna e o chamado Salão Geral. Pois bem, Excelência, para isso, durante um mês inteiro, leva-se a desarrumar o 2.º andar quase inteiro do MNBA, onde se encontram os quadros célebres dos pintores holandeses, italianos, espanhóis, franceses e brasileiros (mortos). E por não haver outro local onde se colocar, à vista do público, tais coleções que deveriam a rigor fazer parte de exposição permanente, é obrigada a direção do MNBA a fechar outra galeria: a Galeria Bernardelli. Veja V. Exa.: fecha-se duas salas de exposições ao público: a da mostra permanente de estrangeiros e a de escultura, dos irmãos Bernardelli, — a fim de servir a segunda de depósito ao acervo famoso que é escamoteado acesso dos entendidos e curiosos, no segundo andar!

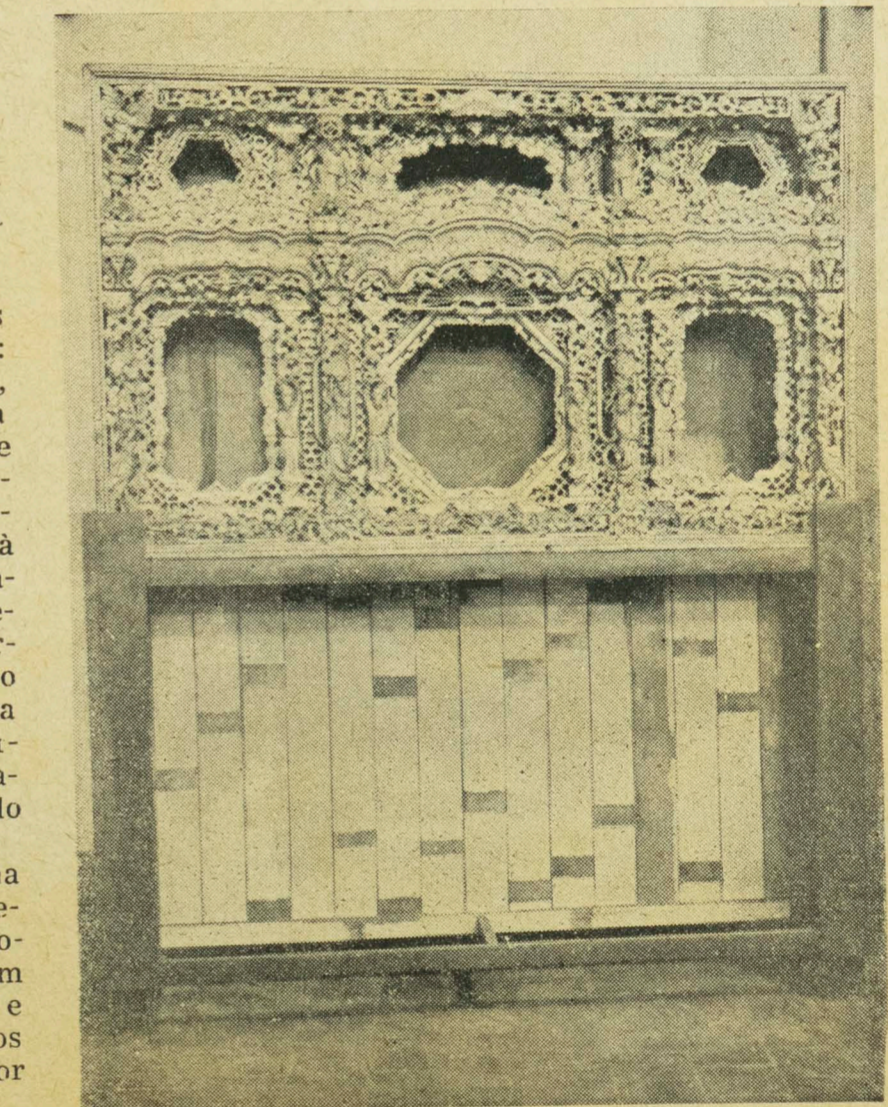
Isto, Excelência, para se abrir o Salão de Arte Moderna e, logo a seguir, instalar-se, em seu lugar, o Salão Geral, isto é, dois salões de artistas vivos! Que bem poderiam expor seus quadros, desenhos e esculturas em outros locais, do próprio Ministério da Educação e Cultura, ou onde quer que fôsse, contanto que os vivos não impedissem aos mortos a oportunidade de maior acesso ao público.

No mínimo, Sr. Presidente, mais outro mês se leva, a fim de preparar o salão que foi de Arte Moderna, para o que será o Salão Geral, desarrumando-se e arrumando as respectivas galerias. Isso quer dizer, Excelência, que 1/3 do ano é assim perdido, entre arrumações e desarrumações, fechando-se duas galerias de arte permanentes para se abrir 2 salões da duração de apenas um mês.

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)



Excelência: Eis dois outros exemplos do estado de abandono em que se encontrava o MNBA, antes da gestão Teixeira Leite. São dois relógios antigos (o da esquerda, é um legítimo “Boulle”, da melhor família antiga de relógios). Com mais espaço e um pequeno acréscimo de verba, quanta coisa boa, Excelência, não será “dinamizada” e “atualizada”?



Excelência: Peças de antiguidade, de real valor artístico, como a que a foto acima estampa, toda ela rica e belamente trabalhada em madeira dourada, foram encontradas, quase ao abandono, nos porões do MNBA. Se atendida porém a petição de mais espaço (e por que não, maior verba?) feita nesta reportagem, o Museu poderia contar com laboratório de restauração melhor aparelhado.